

“Retomando a pintura (e a briga)”

ARAÚJO. Olívio Tavares de. São Paulo: Galeria de Arte Global, 1977 (catálogo da exposição)

Depois de muitos anos ausente do circuito de galerias - embora presente em circuitos paralelos e na atividade didática -, Maurício Nogueira Lima volta a expor sua pintura recente. A circunstância, evidentemente, não impõe o dever de **apresentá-lo**. Afinal Maurício atuou intensamente numa época áurea da criatividade brasileira - o concretismo da década de 50 - e deixou marcada com nitidez o seu percurso. Foi, na verdade, um dos pioneiros absolutos do movimento, e co-pensou as bases de uma arte fundamentada na construção e na razão. Ainda há pouco, aliás, entrevi em suas anotações atuais uma que poderia ser datada da época: "Uma arte concreta com emoções seria um disparate". Isso mesmo, disparate. Também o jogo com palavras faz parte do comportamento ao qual Maurício volta a ser fiel. Não nos escapem certo títulos de seus quadros, como "Cor-T", ou ainda o "PAN-fletário" em seu depoimento.

Tudo isso sucede, no entanto, após um período (de 1964 a 1970) em que Maurício Nogueira Lima esteve afastado voluntariamente do concretismo. Em função de experiências vitais traumatizantes, ele se voltou, nessa época, para uma figuração cujo parentesco mais próximo seria com a pop-art: altos-contrastos, retículas, aproveitamento de imagens relacionadas (ou extraídas) à sociedade de consumo. Mas é bom que se saiba que as motivações foram distintas. No caso de Maurício, não houve influência da pop-art (que ele nem conhecia), e sim de uma antiga experiência profissional com artes gráficas. Mais ainda, sua fase figurativa teve um caráter nitidamente participante, desenvolvendo-se sempre numa linha de crítica de ideias e tomada de posições. Foi nesse período que ele integrou nosso envio à Bienal de Tóquio, como representante de uma tendência que Frederico Morais (o comissário) denominava "uma objetividade brasileira". Ainda Frederico: "Importa-lhe basicamente alcançar a informação objetiva e imediata, com o mínimo de entropia. Sua pintura atual liga-se ao cartaz publicitário, às revistas em quadrinho, enfim à semaforização do urbano e aos veículos comunicativos de massa" (1967).

Essa rápida lembrança de um interregno contrastante parece-me necessário sobretudo para interrogar e compreender a nova pintura de Maurício. Se não lhe podemos negar certa comunicação objetiva (na medida em que continua a lidar com signos basicamente despidos de afetividade ou subjetivismo), é certo que Maurício não mais pretende falar sobre quaisquer assuntos específicos. Ao retomar os fundamentos concretistas, voltou a praticar uma arte que em certos momentos chega a ser considerada elitista. Mas não é este, por certo, o propósito de um artista como Maurício - um ser humano tão perceptivelmente preocupado com o próximo, com o diálogo, com a vida imediata, e não apenas com especulações sobre questões abstratas. Chego a perceber, inclusive, certas discrepâncias entre uma conversa direta com ele (toda feita de emoção) e o depoimento fixamente lúcido que registra neste catálogo. É também Maurício quem me confessa, quase em segredo, o prazer que sente, por exemplo, em fazer um desenho figurativo ao acaso, ou sugestões de paisagens, bastante distintas da disciplina presente nas pinturas. Seria esta última apenas uma auto-imposta decisão?

Não propriamente. Mais uma vez a explicação se encontra no plano da vivência pessoal. Para Maurício Nogueira Lima, os últimos três anos significaram o reinício de um trabalho criador ao nível de pintura, especificamente. Significaram também um reencontro consigo próprio, com seu antigo saber-fazer artesanal, um reexame de consciência. E nada mais lógico do que ter ele procurado balizar seu novo voo com um sistema cuja eficácia já havia provado a si próprio: sua contribuição ao concretismo. Na própria ideologia do movimento encontrou a estabilidade necessária para quem reconstrói um itinerário.

Mas o Maurício Nogueira Lima de 1977 não é o mesmo de 1952. Nesse ponto, tenho a impressão de que seu auto-axioma quanto ao "dispararte" já não é tão verdadeiro. Na própria ausência de um programa para a presente série de trabalhos, encontro os sinais denunciadores de sua maior liberdade criadora, cujo futuro não se pode prever. Cada quadro atual nasce de uma ideia autônoma e por si, e, inclusive, até de eventuais sugestões de formas da realidade, o que seria impensável num concretismo

ortodoxo. Contou-me Maurício, por exemplo, quantas vezes observou encantando, em viagens por hoteizinhos do interior, as dobraduras em cobertores e lençóis - das quais já extraiu "inspiração" (colo aspas, devido à alta periculosidade da palavra). E a busca de uma regra construtiva, nesse instante, se equilibra em Maurício com um gosto "optical" que parte e se destina à excitação dos sentidos - e não apenas da razão. Por tudo isso, sinto-me autorizado a dizer que Maurício Nogueira Lima, no presente momento, retorna a pintura, mas faz dela seu ponto de partida. Não é um artista historicizado que volta por comodidade ou hábito ao passado. É um artista novo, que sai em busca de um caminho, e parte para a briga. Embora seja uma briga em alto nível: o do mundo das formas e ideias.

